A CAPOEIRA E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE ALGUNS ASPECTOS EDUCACIONAIS

Juliana Fernanda da Silva[1]

RESUMO: A capoeira atualmente é reconhecida e praticada mundialmente como uma das práticas culturais afro-brasileiras. No ano de 2008, foi reconhecida como patrimônio cultural e imaterial brasileiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e em 2014 foi reconhecida pela Organização das Nações para a Educação, a Ciência e a Tecnologia – UNESCO, como patrimônio Cultural e imaterial da humanidade. Diante da sua dimensão multidisciplinar, o presente trabalho visa discutir alguns aspectos educativos da capoeira para o ensino de história, com base na Lei n° 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena como estudo obrigatório das instituições de ensino de nível fundamental, das redes pública e privada.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Educação. Ensino de história.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A capoeira é uma das expressões culturais que simboliza a resistência afro-brasileira, há muitas perspectivas a respeito das suas origens, segundo o Dossiê Inventário para o registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil:

> As origens da capoeira remetem a basicamente três mitos fundadores: 1- A capoeira nasceu da África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados. 2- A capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil. 3-A capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo (IPHAN, 2007, p.11)

Embora essa seja uma das análises a respeito da historicidade da capoeira e considerando que cultura é uma construção de homens no mundo (LARAIA, 2009), nesse trabalho parte-se da ideia de que a capoeira se desenvolve no território que se formou

[1] Graduanda do curso de Licenciatura em História, pela Universidade Estadual de Alagoas – Campus Palmeira dos índios.

como Brasil, resultado das experiências socioculturais de africanos e seus descendentes, com os povos que constituem o território brasileiro.

Durante sua trajetória a capoeira sempre foi alvo de perseguições, estas ficaram mais intensas principalmente quando foi criminalizada através do Código Penal Brasileiro em 1889, decreto 487, capítulo XIII, Art. 402, intitulado "Dos vadios e capoeiras" e paradoxalmente, deixou de ser crime de desordem de negros em meados de 1937, para se tornar alvo do projeto de criação da identidade nacional brasileira, assim, a capoeira se tornou luta brasileira e com isso, patrimônio cultural do Brasil (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Entretanto, o processo de aceitação da capoeira não foi tarefa simples, é importante frisar que há um contexto maior acerca da sua retirada do Código Penal, devemos levar em conta que as literaturas contribuíram na formação das imagens desses capoeiras, assim como os jornais e pinturas, a capoeira passa a ser representada como arte popular e atividade de desordem, lado a lado. Quando através do governo de Getúlio Vargas a capoeira legalmente deixa de ser considerada crime, a capoeira é submetida a uma série de mudanças para distanciar a representação negativa que foi construída a seu respeito, além disso, é moldada e organizada para seguir os parâmetros da esportivização, onde também é sistematizada na área da Educação Física.

Nesse cenário, destaca-se historicamente duas grandes modalidades da capoeira, a capoeira regional que era a luta regional baiana criada por Mestre Bimba que criou um método de ensino que possibilitou a inovação da mesma e a associação dela a uma luta (CAMPOS, 2009), em oposição, a capoeira Angola criada por mestre Pastinha, que se opunha a resumir a capoeira ao seu caráter corporal e defendia a "tradição" da mesma, que se relaciona a sua ancestralidade negra. Diante disso, é importante ressaltar que a capoeira não surgiu com essa sua "criação", há registros anteriores a sua sistematização, mas essas nomenclaturas passaram a determinar muitos aspectos da capoeira, mas não podemos a resumir em apenas duas modalidades.

Diante do anteposto, o seguinte trabalho é dividido em duas partes principais, a primeira delas é a discussão sobre os aspectos pedagógicos que oportunizam o debate étnico-racial nas escolas e o seguinte que reflete sobre alguns valores educativos da

capoeira que podem auxiliar os professores a efetivar a Lei n° 11.645/2008, que institui como obrigatório o ensino de história e culturas afro-brasileiras nas instituições de ensino.

2 A CAPOEIRA NA ESCOLA: DISCUTINDO ASPECTOS PEDAGÓGICOS

A educação é um direito fundamental, assegurado pela Constituição Federal de 1988 e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, de acordo com a Lei n° 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a respeito dos princípios que devem nortear a educação escolar nacional, compreende-se que entre os fundamentos estabelecidos como importantes para a educação, é citado aspectos relacionados ao respeito as diversidades, incluindo a diversidade étnico-racial e a tolerância, seja de opiniões ou cultural (BRASIL, 1996).

A educação na perspectiva étnico-racial se tornou um debate com mais afinco após a aprovação da Lei n° 11.645/2003 e posteriormente a Lei n° 11.645/2008, que alterava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo como obrigatório o ensino de diversos aspectos relacionado a história e cultura afro-brasileira e dos indígenas brasileiros em todo o currículo escolar.

A educação não se resume a escolarização, mas o ambiente escolar contribui de forma significante para a formação dos indivíduos, podendo contribuir no processo de formação de identidades de forma positiva ou negativa, além disso, na construção e desconstruções de pensamentos e pré-conceitos, a partir das relações e discussões construtivas e respeitosas, forma-se concepções do “eu” e do “outro” (GOMES, 2003). Com isso, devemos levar em conta também que “os professores são essenciais nos processos de mudanças das sociedades” (GOMES, 2009, p.12).

Segundo Munanga (2005, p. 7) “A formação cultural do Brasil se caracteriza pela fusão de etnias e culturas”, ainda assim, o racismo e a discriminação é parte do cotidiano brasileiro, o que afeta diretamente questões como a identidade e sentimento de pertencimento dos negros além da exclusão de participações em setores de prestígio e de tomada de decisões na sociedade. O autor ainda afirma que “a superação do racismo ainda é presente em nossa sociedade é um imperativo. É uma necessidade moral e uma tarefa

política de primeira grandeza. A educação é um dos terrenos decisivos para que sejam vitoriosos nesse esforço" (MUNANGA, 2005, p.10)

Educar reconhecendo que as pessoas e as culturas no Brasil são plurais, assim como as realidades de cada sala de aula é romper com os estereótipos criados ao longo do tempo a respeito dos negros na história do Brasil, transformados por uma historiografia marcada pelo paradoxo de silenciamento a subalternidade. Buscar descolonizar os currículos e as práticas docentes é superar o etnocentrismo e a História e Historiografia tradicional. Como afirma Gomes:

> Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre culturas negras e silenciadas nos currículos." (GOMES, 2003, p.102)

Além disso, devemos também levar em consideração os alunos negros, como cita Gomes, "o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatiza-las, discriminá-las, segrega-las e até mesmo negá-las" (GOMES, 2003, P.172). essa é uma realidade que os professores não deveriam ignorar, buscar uma educação antirracista é uma das formas de garantir cidadania.

Pensar caminhos para efetivação de leis como a Lei n° 11.645/2005 que marca a conquista de uma trajetória de luta, é comprometer-se com a função social da educação, há muitas abordagens pedagógicas que buscam estabelecer um modelo de ensino que oportunize ao aluno sentir-se parte da história e como tal, agente de ações e transformações, essas são questões que os professores deveriam refletir cotidianamente.

A cultura e a arte, assim como o esporte e tantas outras formas interativas e educativas, contribuem de forma significativa na vida dos jovens, especialmente os jovens em situação de vulnerabilidade social, que em alguns momentos pode parecer um desafio para o professor, muitas vezes carecem só de um atrativo para reconhecer o próprio valor no mundo contemporâneo.

3 A CAPOEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA: DISCUTINDO SUAS CONTRIBUIÇÕES

De acordo com Areias (1983, p. 08), "capoeira é luta, dança, briga, defesa pessoal, esporte, cultura, arte, folclore e muito mais", dada as suas dimensões da cultura corporal e sua história, além do seu caráter multidisciplinariedade, resumiremos alguns aspectos educativos da capoeira voltados ao ensino de história em especial, mas podendo abrir caminhos para demais disciplinas escolares, a respeito disso, a Lei n° 11.645/2008, quando estabelece como obrigatório o estudo dos conteúdos da história e cultura afro-brasileira e indígena, propõe que esses conteúdos sejam estudados em todos os currículos escolares.

Primeiramente, a capoeira contribuí para a compreensão da história do Brasil, por muito tempo a historiografia oficial determinou como personagens da história os "grandes homens" e estudar a capoeira nas aulas sobre a história do Brasil propõe enriquecer esse debate em tantos aspectos, pode-se debater sobre as formas de resistência física dos povos escravizados contra as condições de vida, também pode ser abordada no debate sobre a história e a representação simbólica de resistência de Quilombo dos Palmares ou como a imagens dos capoeiras foram estigmatizadas no período republicano, buscando assim, estudar também a história social dos negros no Brasil.

Voltar os olhares para a história da capoeira nas aulas de história também contribui para o ensino sobre a história do Brasil e da África, isso porque suas origens mesmo incertas oportunizam diversas reflexões, além disso, abre espaço para conhecer e reconhecer diversos protagonistas da história que o eurocentrismo da historiografia oficial por muito tempo silenciou. Nesse espaço é possível também estimular a reflexão crítica dos alunos, colocando em pauta questões como a transformação da capoeira de crime a patrimônio e sua tentativa de se embranquecer para tornar-se aceita pela sociedade.

Além disso, a capoeira é mundialmente praticada como um dos símbolos culturais do Brasil, é considerada patrimônio cultural e imaterial brasileiro em 2008, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e seu reconhecimento como patrimônio Cultural e imaterial da humanidade em 2014, pela Organização das

Nações para a Educação, a Ciência e a Tecnologia – UNESCO, como patrimônio Cultural e imaterial da humanidade. Isso propicia espaço para conhecer, discutir e valorizar as culturas e patrimônios brasileiros.

A criação desses espaços, também possibilita ao professor de história trabalhar em sala de aula conceitos da teoria da história, como o que é fonte e a crítica do historiador as fontes, conceitos como história social e cultural, história oral e memória, entre tantos outros assuntos.

Diante disso, essas questões levantadas são apenas algumas das contribuições da capoeira para o ensino de história sem necessariamente levar um grupo de capoeira para escola ou recursos digitais que proporciona auxílio ao professor, mas o uso de imagens, vídeos, músicas e relatos de capoeiras, além de tornar a aula mais atrativa aos alunos também pode enriquecer ainda mais o momento.

Outra perspectiva, é trabalhar com valores educativos da capoeira levando os alunos para conhecer uma academia/ escola de capoeira ou uma apresentação de capoeiras, antes de tudo, questionar se existe algum projeto de capoeira na escola, se os professores de educação física trabalham ou já trabalharam a capoeira nas suas aulas e se existem capoeiras na sala ou se os alunos conheçam, aproximar os alunos e os ouvir colabora para a formação integral dos mesmos, além de poder oportunizar um momento diferente com os alunos.

Oportunizar a experiência de trazer um grupo de capoeira para a escola ou levar os alunos para uma academia/escola de capoeira garante outros valores educativos, como o significado dos movimentos dentro da roda, a formação e as simbologias da mesma, como os instrumentos e o ritmo que ditam o jogo, a discussão sobre as modalidades da capoeira e suas diferenças, a reflexão que as cantigas em um jogo de capoeira oportunizam a todos da roda, além disso, os aprendizados repassados através da oralidade com os mais velhos e os debates a respeito de questões sociais que a capoeira evidencia, como as discussões sobre machismo dentro e fora da roda ou questões sobre racismo e identidade negra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é importante retomar que essas são algumas das contribuições do trato capoeira nas aulas de história, mas essa expressão cultural tem dimensões educativas maiores do exposto, não se almeja nesse trabalho limita-las em poucos exemplos, mas mostrar que é possível e pode ser rico para os alunos e para os professores, especialmente os de história.

Abordar a capoeira é também uma das diversas possibilidades de trabalhar em sala de aula aspectos culturais da cultura afro-brasileira, podendo contribuir de estímulo para o desenvolvimento da criticidade do alunado e oportunidade de também contribuir de forma positiva na construção de identidades negras, afinal, no Brasil ser negro e o racismo podem ter tantas perspectivas, quase sempre negativa aos negros. Na rotina brasileira os negros são representados em papéis de subalternidade e associado a marginalidade, esse pode ser um debate sobre as raízes culturais dessas realidades, então oportunizar espaços de protagonismo e de sentimento de pertencimento com o mundo é um avanço, contra o grupo social dominante.

Portanto, a tarefa de pensar meios metodológicos para descolonizar os currículos e o compromisso de buscar descolonizar os próprios pensamentos, afinal o racismo está intrínseco em cada um de nós e segue sendo reproduzido de tantas formas pois é subjetivo e camuflado no discurso democracia racial e harmonia social que desde o período pós período colonial segue sendo estimulado, educar-se e buscar educar através das relações étnico-raciais estabelece oportunidades para tornar sujeitos sentirem-se participantes do mundo e como tal, agentes de mudanças e transformações, deveriam ser estudado e estimulado por todos os professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREIAS, Almir das. **O que é a capoeira.** São Paulo: Brasiliense, 1983. 2ed.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm >. Acesso em: 03 dez. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm >. Acesso em: 03 dez. 2021.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm >. Acesso em: 03 dez. 2021.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira regional**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira:** pequeno manual do jogador. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FOLTRAN, Paula Juliana. **"Capoeira é pra homem, menino e mulher":** angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. In Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. São Paulo, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade e formação de professores/as**: um olhar sobre o negro e cabelo crespo. In Educação e Pesquisa, v.29, n.1, São Paulo. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. In Currículos sem fronteiras, v. 12, n.1, p.98-109, Minas Gerais, 2012.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFA, 2009.

IPHAN – INSTITUTO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê**: Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MUNANGA, Kabenguele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabenguele. **Algumas considerações sobre raça, ação afirmativa e identidade negra no Brasil:** fundamentos antropológicos. In Revista USP, 2006.

NASCIMENTO, Abdias**. O genocídio do negro brasileiro:** Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade:** o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Edufba, 2003.

SILVA, Jefferson Pereira da. **Capoeira e o ensino de história:** Currículo, livro didático e a discussão sobre o valor dessa manifestação cultural no espaço escolar. In XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.

SILVA, Jefferson Pereira da. O valor da capoeira na educação: uma análise através da produção acadêmica brasileira (2002 – 2014). Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do norte, Natal, 2017.

SILVA, Jefferson Pereira da. **Relações étnico-raciais e o espaço escolar:** articulações e dissonâncias entre o movimento negro e o Estado brasileiro a partir do programada nacional do livro didático (1995 – 2014). 124f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do norte, Natal, 2017.

PASTINHA, Vicente Ferreira. Capoeira Angola. 3 ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade:** o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Edufba, 2003.